



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UNIDADE DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – UEAD
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE
LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA INGLESA A DISTÂNCIA**



VAGNER BELARMINO DO NASCIMENTO

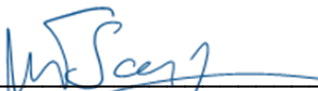
**REFLEXÕES SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE ENSINO E
APRENDIZAGEM NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA: Da transição
do ensino remoto para o retorno presencial**

**MAMANGUAPE/PB
2022**

VAGNER BELARMINO DO NASCIMENTO

**REFLEXÕES SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM NAS
AULAS DE LÍNGUA INGLESA: Da transição do ensino remoto para o retorno
presencial**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras - Inglês da Universidade Federal da Paraíba, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciado em Letras - Inglês, defendido e aprovado pela banca examinadora constituída pelos professores:



Profª Drª Márcia Maria de Medeiros Travassos Saeger – UFPB
Orientador(a)/Presidente



Profª Drª Sandra Maria Araújo Dias – UFPB
Membro da Banca Examinadora



Prof. Dr. Thales Batista de Lima – UFPB
Membro da Banca Examinadora

**Mamanguape/PB
2022**

REFLEXÕES SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA: Da transição do ensino remoto para o retorno presencial

Vagner Belarmino do Nascimento – UFPB – vagnerbnascimento@gmail.com
Profª Drª Márcia Mª de Medeiros Travassos Saeger – UFPB – marcia@ccae.ufpb.br
Profª Drª Sandra Maria de Araújo Dias – UFPB – mildsandra@gmail.com
Prof. Dr. Thales Batista de Lima – UFPB – thalesufpb@gmail.com

RESUMO

O presente artigo objetiva analisar como as estratégias de ensino e aprendizagem adotadas nas aulas de língua inglesa durante o período de aulas remotas têm sido usadas nas aulas presenciais de hoje. Para tanto, foi realizada uma pesquisa classificada como exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa e triangulação de dados. A coleta de dados se deu por meio de entrevistas com um discente e uma docente de uma escola pública da rede estadual na cidade de Juripiranga-PB. A pesquisa busca refletir sobre o momento de transição do ensino remoto para o retorno presencial, sob a ótica vivenciada por uma docente e um discente, que respectivamente representam a comunidade escolar. A pesquisa constatou que algumas ferramentas digitais usadas nas aulas remotas, continuam sendo usadas após o retorno das aulas para o formato presencial como estratégias de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Língua Inglesa. Ensino remoto. Ferramentas digitais.

ABSTRACT

This article aims to analyze how the teaching and learning strategies adopted in English language classes during the period of remote classes have been used in face-to-face classes today. Therefore, a research classified as exploratory and descriptive was carried out, with a qualitative approach and data triangulation. Data collection took place through interviews with a student and a teacher from a public school in the state network in the city of Juripiranga-PB. The research seeks to reflect on the moment of transition from remote teaching to face-to-face return, from the perspective experienced by a teacher and a student, who respectively represent the school community. The research found that some digital tools used in remote classes continue to be used after the return of classes to the face-to-face format as teaching and learning strategies.

Keywords: English language. Remote Learning. Digital tools.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, o ensino de línguas estrangeiras tem crescido ao longo dos anos. Sobre a língua inglesa por exemplo, Paiva (2005 p.19) diz que “aprender a língua inglesa hoje é tão importante como aprender uma profissão. Esse idioma tornou-se tão necessário para a vida atual que, para conseguirmos aprimorar qualquer atividade profissional [...] temos de saber falar inglês”.

O Estado vem regulamentando e padronizando o ensino de línguas estrangeiras e no ano de 2017 trouxe mudanças através de documento regulamentar, a Lei n. 13.415/2017, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Nesse sentido, Rocha (2019, p. 213) ressalta que “uma das principais mudanças dessas ações para o ensino de línguas estrangeiras foi a determinação do inglês como língua obrigatória para a Educação Básica em todo território nacional”.

Com tal mudança, não só o componente curricular de língua inglesa melhorou, mas a educação básica no geral. Assim, “a Educação Básica passou por um processo de significativas mudanças que resultaram em ações do governo que afetaram diretamente a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/96, como a Reforma do Ensino Médio” (ROCHA, 2019, p. 213).

Entretanto, mesmo diante da determinação por lei do inglês como língua obrigatória na educação básica, em 2020 as aulas foram suspensas e a partir de então, não só as aulas de língua inglesa, mas todas as aulas precisaram ser repensadas dentro do cenário educacional impactado pela pandemia da COVID-19, que trouxe uma série de problemas para toda a comunidade escolar.

As aulas presenciais foram suspensas, buscando evitar a propagação do vírus e, como consequência, professores e alunos tiveram que reinventar a forma de ensinar e aprender. Para tanto, como argumenta Cordeiro (2020), foi realizada a adesão ao ensino remoto, amplamente apoiado no uso da tecnologia:

A dúvida de professores, especialistas e sociedade é como fazer isso pois, nenhum sistema estava preparado para uma pandemia de tamanha proporção que assolou o mundo no início do ano de 2020, o que levou uma paralisação mundial. Assim, as soluções de ensino remoto através da utilização da tecnologia digital são extremamente importantes para enfrentar as demandas emergenciais, mas alertou seus efeitos limitados (CORDEIRO, 2020, p. 2).

Pelo exposto, a solução emergencial para continuar com a educação foi aderir ao uso das ferramentas tecnológicas existentes para a realização das aulas e atividades, adotando-se uma modalidade alternativa de ensino. Professores tiveram de adaptar seus conteúdos e repensarem seus métodos de ensino para a modalidade de ensino remoto.

Diante desta nova perspectiva, professores e alunos adequaram suas necessidades a uma nova realidade, passando a ensinar e aprender através de telas com a ajuda de tecnologias como celulares, *smartphones*, computadores, internet e aplicativos para a interação do professor com toda a turma nas aulas online.

É importante destacar que as mudanças trazidas aos processos de ensino e aprendizagem a partir do ensino remoto não se limitam apenas a esta modalidade de ensino, configurando uma ampla e contínua reformulação da educação no momento posterior à pandemia.

Nesse cenário, com o retorno das atividades presenciais, o uso de dispositivos tecnológicos e aplicativos deve ser repensado, de modo que as aulas presenciais contemplem estas ferramentas que oportunizam novas possibilidades de interação entre professores e alunos, além de tornarem as aulas mais dinâmicas e adequadas ao contexto da atual geração, fortemente conectada à internet.

Nesse contexto, pensando nestas ferramentas tecnológicas que permitiram a continuidade da educação durante a pandemia, surgiu a necessidade de entender algumas questões importantes sobre a evolução da educação no retorno às aulas presenciais, tendo em vista que a forma de ensinar e aprender mudou desde a pandemia, impulsionada pelo uso das tecnologias que hoje podem contribuir para as aulas presenciais. Para Cordeiro (2020), a forma de aprender ganhou novos horizontes, livre de paredes que limitam o saber.

É importante colocar que o ensino nunca mais voltará a ser o que era antes. Abre precedentes para novas formas de aprender e reaprender, nos libertamos das paredes da sala de aula e descobrimos um mundo de oportunidades nas mãos de crianças, jovens e adultos (CORDEIRO, 2020, p. 2).

Após uma breve introdução sobre a importância do ensino da língua inglesa, o impacto da pandemia sobre a educação que abraçou a tecnologia para garantir a oferta do ensino básico, questiona-se: Em que medida as estratégias de ensino e

aprendizagem adotadas nas aulas de língua inglesa durante o período de aulas remotas têm sido utilizadas nas aulas após o retorno presencial?

As respostas ao questionamento apresentado foram buscadas a partir do seguinte objetivo geral: analisar como as estratégias de ensino e aprendizagem adotadas nas aulas de língua inglesa durante o período de aulas remotas têm sido usadas nas aulas presenciais de hoje.

A pesquisa iniciou-se por meio de consulta bibliográfica que possibilitou o aprofundamento do assunto, relacionando à fala de autores e à realidade dos resultados obtidos numa pesquisa de campo, com um docente de língua inglesa e discentes de uma escola pública da rede estadual de ensino, localizada no município de Juripiranga na Paraíba.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ENSINO PÚBLICO E AS AULAS REMOTAS

Com o avanço da tecnologia e a disponibilidade das vias de comunicação que ela permite, sobretudo quando conectadas à internet, as possibilidades de interligar pessoas em uma rede são crescentes. Tais possibilidades são percebidas também no contexto educacional, revolucionando os processos de ensino e aprendizagem de escolas e instituições de ensino superior.

As tecnologias tornaram-se as principais referências potencializadoras de iniciativas voltadas para a manutenção da conexão educacional. Sobretudo nos últimos anos, inúmeras soluções tecnológicas, bem como a ampliação do acesso a equipamentos como computadores, *tablets* e *smartphones* e conexão à internet, em nível mundial, apresentam-se com razoável viabilidade para possibilitar uma política pública de manutenção das portas escolares abertas, ainda que de forma virtual (ARRUDA, 2020, p. 263).

O fato é que, ao observar esse avanço tecnológico no contexto específico da educação, os meios de comunicação que usam a internet para funcionar fizeram toda a diferença no distanciamento necessário para atender às recomendações sanitárias durante a pandemia.

As escolas, diretamente impactadas pela necessidade de isolamento social, foram levadas a encontrar um modo de permanecer em funcionamento de forma

segura, o que foi conseguido a partir do uso de computadores, celulares, aplicativos e a conexão com a internet.

Uma solução que também trouxe alguns desafios como descreve Liz (2015):

A partir dessa experiência, pudemos constatar o interesse dos alunos pela possibilidade de uso pedagógico dessas ferramentas, embora tenhamos enfrentado alguns obstáculos para a aplicação da proposta na escola pública, com relação à estrutura física encontrada (LIZ, 2015, p. 8).

Portanto, diante da desigualdade econômica ainda existente no país, bem como diante da assimetria quanto ao acesso a dispositivos tecnológicos e à internet, diante da parcela considerável da população, sobretudo de escolas públicas brasileiras, não possuía acesso aos recursos necessários para a realização ou participação nas aulas remotas (ARRUDA, 2020). Para o referido autor, tal situação teve, inclusive, repercussão nas discussões de órgãos internacionais, como UNESCO e Organização das Nações Unidas.

A adesão ao ensino remoto foi um desafio significativo, uma vez que foi preciso tornar o que anteriormente era usado como um recurso para eventuais pesquisas escolares e algumas aulas tidas como diferenciadas, em práticas que passaram a ser a principal forma de acesso às aulas.

Contudo, considerando as diferenças percebidas entre possibilidades de acesso a recursos tecnológicos entre integrantes da rede particular de ensino e da rede pública, é impossível analisar como se deu esta adesão sem levar em consideração estas diferenças. Nesse sentido, Rolim (2021, p. 263) ressalta:

Diferentemente da iniciativa particular, o ensino público apresenta alguns obstáculos a mais, que vão desde os poucos recursos financeiros de cada família, dificuldades ao acesso à escola devido às grandes distâncias até a própria estrutura física da unidade escolar.

Ainda assim, mesmo considerando as dificuldades vivenciadas na escola pública, “num momento dramático da nossa história coletiva, seria inaceitável que a escola pública fechasse as portas e não quisesse saber dos seus alunos. Isso obrigou a um recurso extensivo às tecnologias” (NÓVOA, 2020, p. 8).

Entretanto, é importante destacar que mesmo com a possibilidade de adesão ao ensino remoto, não havia o devido preparo para esta nova modalidade de ensino,

por parte de docentes, estudantes e gestores escolares. A esse respeito, Nóvoa (2020) destaca:

De um modo geral, ninguém estava preparado para esta situação e a avaliação que, hoje, já podemos fazer revela aspectos negativos, como as desigualdades e o empobrecimento pedagógico, mas também positivos, como a ligação com as famílias e a inventividade de muitos professores (NÓVOA, 2020, p. 8).

A falta de acesso à tecnologia, devido à desigualdade social notória em escolas públicas de todo o país e ainda a falta de preparo pedagógico dos professores para atuar no ensino remoto, foram alguns dos problemas enfrentados por professores e alunos de modo geral. Isto porque a maioria dos professores, considerados imigrantes digitais, usam abordagens de ensino que nem sempre atendem às expectativas no que diz respeito à produtividade das aulas por meio de ferramentas digitais (BACICH, 2015).

Portanto, há um déficit de vários anos, que refletiu negativamente em um momento delicado para a educação, fato observado muito antes da pandemia por Norte et al. (2014, p. 30), ao afirmar que “na maioria das vezes, os docentes levam seus alunos para a sala de informática sem objetivos claros de pesquisa e estudo, o que direciona a navegação para jogos, músicas, vídeos e redes sociais, e a pesquisa pedagógica não acontece”.

Isto indica que, além da falta de recursos tecnológicos e preparo pedagógico para o uso da tecnologia nas escolas, há a falta de cultura em introduzir os meios tecnológicos de forma funcional nas aulas.

No entanto, muitos professores ainda veem a tecnologia em sala de aula como mais uma ferramenta de ensino onde, por muitas vezes, aplicam a mesma metodologia tradicional de ensino, o que pode significar um retrocesso diante dos avanços tecnológicos no qual vivemos (CORDEIRO, 2020, p. 4).

Mesmo diante deste cenário, os professores de escolas públicas, ainda que desenvolvendo seu trabalho de forma limitada, foram reconhecidos pelos seus esforços durante as aulas remotas. Nesse sentido, “em muitos casos, as famílias compreenderam melhor a dificuldade e a complexidade do trabalho dos professores” (NÓVOA, 2020, p. 9). E este laborioso papel do professor, frente à missão de ensinar por tela, também foi notado por Cordeiro (2020), quando observou que, professores

mesmo sem conhecimento prévio de manuseio das tecnologias que seriam utilizadas, começaram a descobrir suas funções ao mesmo tempo que replanejavam suas aulas junto a seus coordenadores pedagógicos.

Domingues (2019) entende que a educação é um processo histórico e transitório, que se ajusta ao contexto socioeconômico a partir da necessidade do aluno e do processo de aprendizagem. Por sua vez, Nóvoa (2020) complementa, com relação às tecnologias digitais na educação, que os professores deverão alargar e aprofundar seus conhecimentos, pois esta experiência vivida durante a pandemia, já é uma realidade de tendência da educação mundial.

Isto reforça, inclusive, a necessidade de fortalecer a escola pública a partir da inserção de novas tecnologias e do incentivo à adesão de novas metodologias para o ensino, levando em consideração o que foi vivenciado durante o período de aulas remotas.

2.2 AS FERRAMENTAS DIGITAIS NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA

O ensino da língua inglesa (LI), quando apoiado nas tecnologias, oferece maiores possibilidades educacionais e uma liberdade para aprender com a mesma velocidade que as mudanças acontecem. Para Rocha (2019), as tecnologias permitem a diminuição das fronteiras e um aprendizado contínuo, fazendo com que o aluno pratique em casa o que foi estudado em sala de aula.

Holden (2009) entende que há uma necessidade de envolver os alunos em atitudes positivas com relação à língua, de forma que os alunos continuem aprendendo, mesmo fora da sala de aula. Para a autora, “o aprendizado do inglês, não precisa – e não deve – parar na porta da sala de aula. O mundo lá fora oferece uma grande variedade de caminhos para tornar esse aprendizado mais significativo” (HOLDEN, 2009, p.18).

Nesse aspecto, o que anteriormente já era possível, tornou-se necessário a partir da pandemia de COVID-19, em 2020, devido à necessidade de adesão ao ensino remoto, amplamente apoiado no uso da tecnologia para o ensino. Assim, a realização de atividades e aulas online, sejam síncronas ou assíncronas, com métodos e tecnologias pensadas para aulas remotas, permitiram aos alunos desenvolverem a proficiência em LI, como se estivessem em uma sala de aula convencional.

É importante destacar que as aulas síncronas contam com interação on-line entre os participantes, ocorrida ao mesmo tempo, mas em locais físicos distintos. Já as aulas ou atividades assíncronas não possuem interação on-line ao mesmo tempo e cada participante acessa os conteúdos ou atividades ao seu tempo disponível. Nesse sentido, o ensino remoto, que ocorre a partir da transposição das aulas presenciais para o meio digital, tem a maior parte de suas atividades no formato síncrono (BASSO; FIORATTI; COSTA, 2020).

Para Rocha (2019, p. 30), “a sala de aula precisa deixar de ser sinônimo de aprendizagem controlada e excessivamente planejada para dar espaço à criação, tornando as aulas interativas e construtivistas”. Isto leva ao entendimento de uma educação focada na realidade, e, em se tratando do ensino das línguas e suas particularidades, precisam de uma interação espontânea com as culturas, o que pode ser potencializado a partir do uso de ferramentas tecnológicas.

Holden (2009) defende que, além dos objetivos acadêmicos, existe uma razão educacional nos estudos de línguas, que é a função social que ela impõe.

Aprender e usar outro idioma faz com que as pessoas entrem em contato, direta ou indiretamente, com diferentes sociedades e culturas. Isso as expõe a maneiras de pensar diferentes, a meios de comunicação diferentes, a valores diferentes, o que, por sua vez, as estimula a pensar em sua própria cultura, em seus valores e modo de vida. Elas percebem, então, que não existe uma única maneira de fazer algo, mas muitas outras diferentes (HOLDEN 2009, p.14)

Isto significa que, tão importante quanto conhecer as regras gramaticais do novo idioma, é conhecer a cultura dos falantes nativos que, de um modo natural, pode promover uma aprendizagem significativa por meio de uma abordagem intercultural, levando o aprendiz a entender e refletir sobre o que ele está aprendendo. Nesse aspecto, Silva (2020, p. 8) confirma esta ideia em suas palavras:

No que se refere ao ensino da língua inglesa, o pensamento crítico é essencial para que se construa um aprendizado através de um viés intercultural. Isso porque o estudante consegue interagir com outra cultura, sem deixar de lado suas próprias experiências, afastando o pensar mecanizado, que é incapaz de solucionar as dificuldades encontradas no processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, o ensino da LI abarcando os aspectos culturais da língua pode ser potencializado a partir do uso de ferramentas tecnológicas que permitam aos alunos

conhecer lugares, costumes, pronúncias do idioma, além de possibilitar a interação com pessoas de outras regiões do mundo, sem que precisem, necessariamente, estar em outros lugares.

Para tanto, basta que tenham acesso a tecnologias já existentes no cotidiano de alunos e professores, e que seguem um processo natural das tendências digitais. “Diante dessa evolução, a educação e suas relações de ensino-aprendizado vêm, a passos lentos, acompanhando as transformações sociais advindas dos impactos das tecnologias digitais” (SANTOS JUNIOR; MONTEIRO, 2020, p. 5).

Os recursos tecnológicos usados por professores e alunos são, na grande maioria, celulares com acesso à internet, integrados com aplicativos de troca de mensagens como WhatsApp e Telegram, que são ferramentas digitais que permitem, além de troca de mensagens privadas, a criação de grupos nos quais alunos e professores podem trocar mensagens, em um *chat* coletivo. Um aspecto positivo neste recurso digital de troca de mensagens é a compatibilidade de várias extensões midiáticas como imagens, vídeos, áudios, além das ligações em chamadas de áudio e vídeos.

Outras ferramentas digitais que ganharam destaque nas aulas remotas foram os aplicativos que permitem as videochamadas em reunião, como o Google Meet e Zoom, que são similares. Santos Júnior e Monteiro (2020, p. 9) definem a ferramenta Zoom, detalhando sua compatibilidade e falando das principais funções:

É um aplicativo fundamental para quem precisa realizar e/ou participar de reuniões em vídeo, podendo ser realizadas em dispositivos móveis com sistemas operacionais Android ou iOS. No ZOOM é possível convidar os participantes por e-mail, SMS e redes sociais. Possui também a possibilidade de compartilhamento de arquivos, textos e apresentações durante as chamadas.

Estas tecnologias de videoconferência são a forma mais aproximada de uma sala de aula presencial, pois colocam o professor como mediador da sala virtual, possibilitando usar materiais didáticos como: slides, vídeos e o compartilhamento da tela, além de permitir exibir uma lousa virtual (SANTOS JUNIOR; MONTEIRO, 2020).

Os alunos podem interagir com todos da sala, usando a câmera e o microfone do celular, o que ajuda na hora de tirar dúvidas e, em alguns casos, as aulas podem ser gravadas e serem usadas posteriormente para uma revisão. A possibilidade da gravação das aulas remotas, para posterior disponibilização, é importante também

para o caso dos alunos que não tiveram acesso à internet no momento da aula e acabaram perdendo o encontro síncrono, facilitando o acesso destes alunos aos conteúdos trabalhados na aula.

Para a avaliação do desenvolvimento e gestão do ensino, algumas plataformas são utilizadas, como o Moodle e o Google Classroom. Tais plataformas permitem a criação de turmas, compartilhamento de materiais didáticos, disponibilidade de atividades de avaliação (que pode ser um questionário com correção automática que deve ser respondido pelo aluno ou a postagem de uma atividade feita pelo aluno). Após a realização da atividade, o professor pode avaliar o desempenho do aluno e atribuir uma nota na própria plataforma.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa é classificada, quanto aos objetivos, como exploratória e descritiva, e quanto ao ambiente de coleta de dados, como uma pesquisa de campo.

Segundo Gil (2017, p. 32), a pesquisa exploratória “tem como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. Ainda segundo o mesmo autor, as pesquisas descritivas “têm como objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno. Podem ser elaboradas também com a finalidade de identificar possíveis relações entre as variáveis” (GIL, 2017, p. 32). Já os estudos de campo são caracterizados pela coleta dos dados no local onde a investigação ocorre (GIL, 2017).

Para identificar como as estratégias de ensino e aprendizagem adotadas nas aulas de língua inglesa durante o período de aulas remotas têm sido usadas nas aulas presenciais de hoje, foram realizadas duas entrevistas, adotando-se, para a análise dos dados coletados, uma abordagem qualitativa. Para Prodanov e Freitas (2013, p. 70), a pesquisa qualitativa “não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave”.

Com relação aos dados, Denzin (1978) apresenta quatro categorias essenciais de triangulação: a triangulação de dados, triangulação dos investigadores, triangulação das teorias e triangulação metodológica. O autor esclarece que “[...] a triangulação é o uso de múltiplos métodos no estudo do mesmo objeto” (DENZIN, 1978, p. 294).

Entendemos que a triangulação se configura como um importante procedimento metodológico nos estudos da Linguística Aplicada, que pode combinar diferentes métodos de coleta e diferentes populações (amostras). Desse modo, para esta investigação, a triangulação dos dados consistiu no uso de um mesmo método utilizado para examinar fontes distintas. Dito de outra maneira, apesar da coleta dos dados acontecer em um determinado momento e local, esses dados foram coletados com participantes (professor e aluno) diferentes.

Sobre o público entrevistado e suas características, a primeira entrevista foi com uma docente que tem 35 anos, formada em licenciatura em língua inglesa, com pós-graduação em ensino de língua inglesa. A docente ensina inglês há oito anos, possui três anos de atuação na escola atual e trabalha em turmas do ensino médio e fundamental de uma escola da rede estadual da cidade de Juripiranga. Já a segunda entrevista, foi realizada com um discente da mesma escola, representando os alunos de sua turma.

O discente é do gênero masculino, atualmente tem 15 anos de idade, estudou o 9º ano do ensino fundamental durante as aulas remotas, sempre estudou em escola pública, nunca fez cursinho de inglês e está há quatro anos estudando na escola atual.

É importante destacar que o discente entrevistado atualmente estuda o 1º ano do Ensino Médio, mas a entrevista é direcionada para o momento das aulas remotas que ele estudava o 9º ano do ensino fundamental.

As entrevistas foram gravadas, mediante autorização dos entrevistados, e transcritas posteriormente. A entrevista com a docente se deu a partir de um roteiro semiestruturado, teve duração de aproximadamente 1 hora e 20 minutos, composto por 14 perguntas.

As perguntas realizadas na entrevista com a docente buscaram identificar, primeiramente, se havia algum uso habitual de tecnologias nas aulas de LI, que antecederesse o ensino remoto. Nas perguntas seguintes, buscou-se, entender as dificuldades em migrar para o ensino remoto, bem como as mudanças nas abordagens de ensino e ainda a percepção da docente com relação à melhora na aprendizagem, a aceitação dos alunos e sobre o uso de tecnologias e estratégias que continuaram a serem usadas nas aulas de língua inglesa após o retorno presencial.

Já a entrevista com o discente teve duração de aproximadamente 35 minutos, com um roteiro de 12 perguntas, que buscaram identificar os conhecimentos prévios sobre o uso das ferramentas digitais e suas dificuldades, limitação com relação ao

aparelho usado nas aulas remotas, bem como as percepções de melhora das aulas de língua inglesa e sobre o uso de tecnologias nas aulas de língua inglesa após o retorno presencial.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 ENTREVISTA COM DOCENTE

A primeira etapa da entrevista com a docente, apontada nesta pesquisa por “D” em seus relatos, teve o objetivo de conhecer o perfil da profissional com perguntas como idade, formação, tempo de ensino da língua inglesa e tempo de atuação na escola, conforme dados já apresentados na seção anterior.

No que concerne ao uso de tecnologias nas aulas de língua inglesa antes da pandemia, a docente afirmou que em algumas aulas, usava áudios em um aparelho de som ou no celular mesmo, e também já fez uso de vídeos em uma TV, mas que nunca teve uma estrutura na escola que oferecesse uma condição diferente no uso de tecnologias.

Este fato confirma o que Silva (2020, p. 5) fala sobre os desafios da escola pública. “Os maiores desafios, entretanto, encontram-se na escola pública, seja pela grande quantidade de estudantes por sala, ou pelos recursos físicos escassos”.

Quando perguntado quais os maiores desafios em migrar para uma forma de ensino que não tinha contato direto com a escola e nem com os alunos, como foi o caso do ensino remoto, a entrevistada relatou:

D: Foi tudo muito difícil, mas, sem dúvida, o problema maior foi a falta de acesso de alguns alunos, pois, nem todos tinham celular ou internet disponível e, em alguns momentos, professores ficaram sem saber o que fazer com os alunos que não conseguiam ter acesso às aulas.

Tal problemática também foi observada por Cordeiro (2020, p. 6), ao afirmar que “além da utilização de diferentes recursos, muitos professores confrontaram-se com a dificuldade de acesso, por parte de muitas famílias onde não possuíam uma alternativa a não ser um telefone com o aplicativo de mensagens instantâneas”.

Outro problema relatado pela entrevistada foi a falta de auxílio dos pais em ajudar os filhos a participar das aulas e a manter uma rotina de estudos em casa, como era na escola.

A entrevistada falou ainda da falta de motivação dos alunos que não tinham um aparelho ou acesso à internet e muitos deles não tinham o hábito de usar a internet para assistir aulas. Neste sentido, Cordeiro (2020) sugere que os problemas de conexão e o engajamento dos alunos nas aulas remotas são problemas comuns das aulas online.

Com relação à adequação de métodos de ensino nas aulas online, a professora relatou que houve a necessidade de repensar a forma de abordar os assuntos usando os recursos digitais: “Como exemplo, os materiais em papéis já impressos precisaram ser digitalizados de acordo com as plataformas, para que os alunos compreendessem de uma forma fácil”.

A entrevistada afirmou ainda que tentou ao máximo evitar as enormes apostilas digitais, usando um material mais ilustrativo e com exemplos do dia a dia, para tornar a aula mais interativa e menos cansativa. Com relação às ferramentas tecnológicas usadas durante as aulas remotas, a entrevistada afirma que usou alguns recursos gratuitos como WhatsApp, que foi a primeira forma de comunicação com os alunos e os pais, e que serviu para dar avisos e tirar dúvidas, já que foi tudo muito confuso no início.

Outra ferramenta também muito usada foi o Google Meet, com acesso fornecido pela Secretaria de Educação. Esta plataforma era o espaço virtual onde as aulas propriamente ditas aconteciam, por se tratar da forma mais parecida com uma sala de aula, pois, todos se viam e se ouviam.

Também foram usados alguns vídeos do YouTube, para ajudar no entendimento do assunto das aulas, já que nem todos os alunos estavam acostumados com esse tipo de aula e, nem sempre conseguiam acompanhar o andamento da turma. Além disso, ainda havia aqueles que por algum motivo não entravam nas aulas e posteriormente assistiam vídeos relativos ao assunto.

A entrevistada afirma ainda que foi usada a plataforma Paraíba Educa, disponibilizada pelo governo estadual para alunos e professores, na qual o acesso era feito com um e-mail fornecido pela Secretaria de Educação. A plataforma dava acesso a materiais didáticos e ao Google Classroom, que os alunos usavam para entregar atividades.

Além destas ferramentas, em algumas aulas foram usados aplicativos como Kahoot para criar jogos dinâmicos com o conteúdo ensinado, e ainda a plataforma Canva, que foi utilizada para criar apresentações e conteúdos visuais educativos para as aulas.

Com relação ao aprendizado dos alunos nas habilidades de *reading* (ler), *writing* (escrever), *listening* (ouvir) e *speaking* (falar), a docente ressaltou que foi possível trabalhar estas habilidades a partir do Google Meet, uma vez que a plataforma possibilita a leitura, audição, fala e escrita, e, com o auxílio das outras ferramentas digitais, houve a possibilidade de progredir nestas habilidades.

Quando perguntado sobre a aceitação dos alunos em relação ao uso de ferramentas tecnológicas nas aulas de língua inglesa, a entrevistada avaliou como regular, tendo em vista que uma parcela dos alunos não tinha o acesso a todos os requisitos para participar das aulas, pois, com um *smartphone* conectado à internet, já era possível assistir às aulas e responder às atividades, mas nem todos os alunos os tinham à sua disposição.

A professora mencionou ainda, sobre o interesse dos alunos nas aulas de língua inglesa, que, por serem online, houve um desinteresse por parte dos alunos e para tentar deixar as aulas mais interessantes, sempre buscava introduzir algo como músicas, jogos, filmes, séries e curiosidades nas aulas. A escolha destas opções se deu a partir da percepção de que os alunos sempre gostaram de aulas que envolvessem questões ligadas ao seu meio de convivência.

Este aspecto de transformar a realidade da presença da língua inglesa nas nossas vidas em algo interessante de se entender é confirmado por Holden (2009, p. 18): “desenvolver uma consciência do quanto o inglês agora existe nas ruas, em nomes de lojas ou até no português falado no dia a dia, faz o idioma estrangeiro parecer mais próximo da realidade cotidiana”.

Com relação à percepção de melhorar a aprendizagem dos alunos nas aulas remotas, a docente afirmou que as aulas remotas foram inacessíveis para alguns alunos, e aqueles que não acompanharam as aulas por algum motivo, não tiveram melhora. Além disso, algumas turmas do ensino fundamental dependiam da supervisão e ajuda dos pais ou responsáveis, o que nem sempre ocorria. Por esta razão, também não foi possível identificar uma melhora aparente na aprendizagem nestas turmas. Contudo, a entrevistada ressalta que houve uma aprendizagem

significativa dos alunos do ensino médio que acompanharam as aulas com regularidade, inclusive uma melhora no vocabulário.

Sobre as ferramentas digitais que protagonizaram as aulas remotas e continuam contribuindo para as aulas presenciais após o retorno, a professora fala que alguns aplicativos continuaram a ser utilizados nas aulas, mesmo após o retorno presencial. Assim, a entrevistada relata:

D: O WhatsApp, que ajuda na comunicação com os alunos e pais sobre avisos e lembrando-os das atividades de casa. Outra ferramenta que também continua são os vídeos do YouTube, que ajuda a complementar as aulas e ainda é o utilizado o Kahoot para criar jogos, como quiz interativo para os alunos, bem como o Canva, para a criação de conteúdos visuais educativos.

Por fim, a entrevistada afirmou que acredita que o uso da tecnologia pode contribuir para o ensino da LI. Levando em consideração que as aulas remotas foram algo inesperado e sem qualquer planejamento prévio, na maioria das vezes, o que atrapalhou as aulas remotas foram as limitações que a falta da tecnologia causou quando não havia aparelhos que permitissem os alunos assistirem às aulas ou até mesmo quando não havia internet disponível para os alunos.

Portanto, como relatado pela entrevistada, as tecnologias podem e devem ser consideradas como uma oportunidade no ensino de LI, e alguns dos recursos utilizados nas aulas remotas continuam sendo usados após o retorno à presencialidade, como forma de dinamizar e modernizar as aulas.

4.2 ENTREVISTA COM O DISCENTE

A segunda entrevista foi com um aluno, mediante a autorização dos seus responsáveis e da Direção da escola. A entrevista do discente teve a primeira etapa com o objetivo de conhecer o perfil do estudante, com perguntas como: idade, escolaridade, se já estudou na rede privada, se já fez algum curso de inglês e o tempo de estudo na escola atual.

Quando perguntado sobre as aulas remotas e a sua participação nelas, o aluno relatou que participou de quase todas as aulas e que em alguns momentos a conexão com a internet falhou, impedindo a sua entrada na aula.

O entrevistado afirmou ainda que sentiu dificuldade nas primeiras aulas remotas, mas, com o decorrer do tempo, ficou mais fácil entender a dinâmica das aulas. Sobre as formas de acesso às aulas, foi perguntado que tipo de aparelho o discente usou para participar das aulas e como se conectava a internet. O discente relatou que para participar das aulas, usava o próprio aparelho de celular e que além da internet de casa, foi fornecido pelo governo estadual um *chip* de celular com um plano de internet.

Quando perguntado qual a maior dificuldade enfrentada por ele no uso do seu aparelho para assistir as aulas, o entrevistado relatou que a tela do celular é limitada e em alguns momentos, sentiu dificuldade de enxergar algumas partes textuais da aula, e que uma tela maior facilitaria tanto a visualização das aulas, como também a elaboração de trabalhos escolares.

Com relação à motivação nas aulas, foi questionado como ele se sentia diante das aulas remotas. O entrevistado relatou que se sentia desmotivado em alguns momentos, pois, nem sempre a turma estava completa e ainda alguns colegas nunca participavam.

Sobre a percepção do aluno na melhora das aulas de língua inglesa, foi perguntado o que ele achou que melhorou com as aulas remotas. O aluno afirmou que a introdução de jogos dinâmicos e músicas nas aulas de LI foi algo positivo, tendo em vista que nas aulas presenciais era menos frequente o uso destes recursos.

Sobre uso de outros recursos nas aulas de LI como coadjuvante do aprendizado, Holden (2009, p.14) diz que:

Uma nova diversidade de recursos está disponível hoje para ajudar os alunos a aprender e usar o idioma que é pertinente à vida e aos interesses deles: livros didáticos modernos, possibilidades de aprendizado on-line e fácil acesso ao inglês “real”, até nos menores e mais remotos lugares.

Quando perguntado sobre a relação anterior a pandemia que o discente tinha com as ferramentas digitais, o discente falou que antes da pandemia, tinha acesso à internet, usava aplicativo de troca de mensagens e assistia vídeos do YouTube, o que facilitou o uso das ferramentas usadas nas aulas remotas. E sobre a permanência das tecnologias nas aulas após o retorno presencial, o aluno relatou que, mesmo após o retorno das aulas presenciais, algumas ferramentas digitais continuam sendo usadas, como o WhatsApp, o Kahoot e o YouTube.

Quanto à evolução do discente na LI, o aluno considera que, mesmo havendo muitas dificuldades nas aulas remotas, foi possível aprender e evoluir na LI, e o uso das tecnologias foi e é capaz de suprir as necessidades educacionais, quando os meios convencionais de ensino se tornam inviáveis.

Questionou-se, por fim, se o discente acredita que as tecnologias podem ajudar a melhorar o ensino. Como resposta, o mesmo afirmou: “Sim, eu acredito que as tecnologias podem nos ajudar, ajudar a melhorar o ensino das escolas públicas”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os recentes acontecimentos mundiais, como exemplo do coronavírus, houve uma considerável revolução no setor educacional, apoiando-se na intensa utilização de tecnologias, a fim de garantir a continuação das aulas de forma segura.

Com o retorno das aulas ao formato presencial, surgiu a oportunidade de analisar em que medida as estratégias de ensino e aprendizagem adotadas nas aulas de língua inglesa durante o período de aulas remotas têm sido utilizadas nas aulas após o retorno presencial.

A partir desta pesquisa, observou-se que as aulas dependeram, primeiramente, dos recursos tecnológicos e da adaptação dos professores a essas ferramentas, de forma a criarem conteúdos para suas aulas, e ainda, o acesso dos alunos aos meios tecnológicos, que, na maioria dos casos, foi o maior obstáculo enfrentado nas aulas remotas.

Portanto, os métodos de ensino de língua inglesa precisaram ser adaptados para o contexto não só das aulas remotas, mas também dos recursos limitados dos alunos da rede pública, que, quando mostram ter participação frequente nas aulas remotas, demonstram significativo aprendizado por meio das ferramentas tecnológicas.

Hoje, com o retorno das aulas presenciais, é notória a permanência de alguns dos recursos usados nas aulas remotas, configurando uma tendência natural do uso tecnológico na educação, que proporciona um avanço no acesso à informação, tendo em vista o estudo de uma língua global, como é o caso do inglês.

A utilização de tais recursos tem contribuído para facilitar a comunicação entre alunos e professores, promover a integração entre estes atores fora do ambiente da sala de aula e conferir maior dinamicidade às aulas.

Assim, a pesquisa concluiu que mesmo havendo pouco investimento do Estado em tecnologias para a educação, foi possível dar início à criação de uma cultura no uso destas ferramentas, que perpetuam nas aulas presenciais.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Eucidio Pimenta. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **EmRede - Revista de Educação a Distância**, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020.

BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. M. (Org.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

BASSO, S. E. O.; FIORATTI, N. A.; COSTA, M. L. F. A Matemática diante da possibilidade do ensino remoto: uma discussão curricular. **Plurais**, Salvador, v. 5, n. 2 p. 192-213, mai./ago. 2020. Disponível em <https://www.revistas.uneb.br/index.php/plurais/article/view/8921>. Acesso em 23 out. 2022.

CORDEIRO, K. M. A. **O Impacto da Pandemia na Educação: a Utilização da Tecnologia como Ferramenta de Ensino**. 2020.

DENZIN, N. **The research act: a theoretical introduction to sociological methods**. 2. ed. New York: Mc Graw-Hill, 1978.

DOMINGUES, Alex Torres. **A interiorização da EAD nas instituições públicas de educação no estado de Mato Grosso do Sul: avanços e perspectivas**. Horizontes-Revista de Educação, v. 7, n. 14, p. 91-106, 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

HOLDEN, Susan. **O Ensino da Língua Inglesa nos Dias Atuais**. SBS Editora. Primeira Edição, 2009. São Paulo.

LIZ, N. et al. **Tecnologia móvel no ensino e aprendizagem de língua inglesa na escola**. Dissertação de Mestrado. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. 2015.

NORTE, Mariângela Braga et al. **Desafios para a docência em Língua Inglesa: teoria e prática**. 2014.

NÓVOA, António. A pandemia de Covid-19 e o futuro da Educação. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, v. 7, n. 3, p. 8-12, 2020.

PAIVA, V. L. M. O. **Ensino de língua inglesa**: reflexões e experiências. Campinas: Pontes, 2005.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2. ed. Universidade Feevale, Novo Hamburgo/RS. 2013.

ROCHA, Cláudia Fonseca. A BNCC: Dimensões Culturais do Ensino de Língua Inglesa. In: IX SAPPIL - Estudos de Linguagem. **Anais...** 2019.

ROLIM, Ronnielle Cabral. Avaliação do ensino remoto emergencial mediado pelos professores de Ciências da rede pública de Caucaia - Ceará durante a pandemia do COVID-19. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**. São Paulo, v. 7, n. 4, mai/2021.

SANTOS JUNIOR, Verissimo Barros; MONTEIRO, Jean Carlos da Silva. Educação e covid-19: as tecnologias digitais mediando a aprendizagem em tempos de pandemia. **Revista Encantar**, v. 2, p. 01-15, 2020.

SILVA, Monise Priscila. Perspectivas e desafios do ensino da língua inglesa a partir de uma abordagem intercultural. **Babel: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras**, v. 10, n. 2, p. 52-64, 2020.